



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Laboratório de Tecnologias e Inclusão

Rod. Anhanguera, Km 174, Araras-SP, CEP 13600-970

labintec@ufscar.br

labintec

A BONECA DE CAROLINA: LIVRO ILUSTRATIVO DO TEMA IDENTIDADES E DIFERENÇAS

Produto Educacional

Júlia Stradioto Pacolla

Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Tecnologias e Inclusão

juliastradioto2@gmail.com

Estéfano Vizconde Veraszto

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar Araras), Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Laboratório de Tecnologias e Inclusão

estefanovv@ufscar.br

Laboratório de Tecnologias e Inclusão,
Departamento de Ciências da Natureza,
Matemática e Educação da Universidade
Federal de São Carlos, Campus Araras.

Outubro de 2020

A BONECA DE CAROLINA: LIVRO ILUSTRATIVO DO TEMA IDENTIDADES E DIFERENÇAS

JÚLIA STRADIOTO PACOLLA

Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Tecnologias e Inclusão

juliastradioto2@gmail.com

ESTÉFANO VIZCONDE VERASZTO

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar Araras), Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Laboratório de Tecnologias e Inclusão

estefanovv@ufscar.br

Descrição do produto

O livro “A Boneca de Carolina” elaborado trata-se de uma história fictícia ilustrativa sobre o tema identidades e diferenças através da personagem Carolina, uma criança que queria ter uma boneca para brincar com algumas meninas. Como não tinha muito dinheiro, Carolina construiu seu próprio brinquedo com uma latinha e materiais que encontrou. Porém as outras meninas disseram que isso não era, segundo elas, uma boneca normal e que para poderem brincar juntas Carolina precisaria ter um brinquedo adequado. A fim de descobrir o que seria uma boneca normal, a jovem menina saiu em busca de respostas e juntou todas elas para tentar comprar uma que tivesse todas as características descobertas, só que nesse momento, um senhor começa a conversar com Carolina, e a faz refletir sobre a situação e a entender que não há um padrão de boneca e que não tem problema em ser diferente.

Considerando a estratégia de elaboração do produto, o desenvolvimento pautou-se na necessidade de se desenvolver materiais acessíveis para deficientes visuais (DV) no meio digital, considerando também que deveria ser útil para alunos videntes. Assim, o livro foi elaborado em uma perspectiva inclusiva. Assim, sua formatação e *layout* foram estruturados de forma a torná-lo acessível para os leitores de tela utilizados por DV e com características visuais atrativas para discentes videntes.

Finalidade

O livro tem como objetivo contribuir no estudo dos conceitos de identidade, diferença e normalidade para qualquer aluno(a), independente do seu grau escolar, de forma a gerar uma reflexão sobre os pensamentos do ser humano com relação ao que é entendido como normal, certo e aceitável na sociedade.



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>.

Trabalho financiado pela FAPESP



Apoio CAPES



Características

Trata-se de uma história original que, apoiada em escritos acadêmicos do tema identidades e diferenças, buscou abordar de modo ilustrativo e atrativo o assunto e que, além disso, contemplasse os critérios de acessibilidade para deficientes visuais no meio digital.

Pressupostos teóricos

Inicialmente é importante destacar que a inclusão se contrapõe à homogeneização e normalização, defendendo o direito à heterogeneidade e à diversidade (MANTOAN, 2003). Neste sentido, a inclusão parte da lógica de que as diferenças individuais devem ser reconhecidas e aceitas por toda a sociedade, e devem ser os pilares para a construção de uma nova abordagem didática e pedagógica no ambiente escolar (RODRIGUES, 2003). Assim, a educação inclusiva parte da tentativa de organizar um sistema educacional que leve em conta as necessidades de todos os alunos, com deficiência ou não, eles desenvolvem o saber juntos.

Inclusão, do verbo incluir (do latim *includere*), no seu sentido etimológico, significa conter em, compreender, fazer parte de, ou participar de. Assim, falar de inclusão escolar é falar do educando que se sente contido na escola, ao participar daquilo que o sistema educacional oferece, contribuindo com seu potencial para os projetos e programações da instituição (MASINI, 2004). Uma escola que trabalha a inclusão, olha para as diferenças de todos(as) e trabalha essas diferenças para um ensino-aprendizagem comum.

Nesse sentido, cabe ressaltar que em tópicos posteriores não apresentaremos propostas de pesquisa voltadas especificamente para alunos com deficiência visual. Apresentaremos sim, propostas desenvolvidas (com base na utilização de tecnologias digitais para a diversidade, onde videntes e não videntes deverão ter condições de participar do processo proposto).

Além disso, é fundamental apontar que o desenvolvimento do material apoiou-se na obra Estrangeiro, de Eder Pires de Camargo (2017), na qual há relatos do autor sobre experiências que teve antes e depois de perder a visão, e reflexões acerca do comportamento de pessoas que enxergam perante aos que são cegos e com baixa visão. Ou seja, de quem não segue o padrão entendido como normal que é de ser vidente. Outro fundamento está no conceito de normalidade e padronização vigentes na sociedade, em que de modo arbitrário uma identidade é definida como parâmetro em relação às demais e assim, aqueles que desviam dessas percepções elaboradas por grupos dominantes acabam vivenciando a prática da exclusão (SILVA, 2000).

De forma mais específica, primeiramente é possível apontar que parece simples definir o conceito de identidade. Identidade é aquilo que se é. Sou brasileiro. Sou negro. Sou mulher. Sou velho. Conceber a identidade dessa forma, como aponta Tomaz Tadeu da Silva (2009), deixa transparecer algo positivo. É a definição de uma característica independente. Sou aquilo que sou, e isso é um fato autônomo. Sendo assim, a identidade é autossuficiente e autorreferente.



Na mesma linha de raciocínio, Silva (2009) aponta que a diferença também é definida como uma entidade independente, oposta à identidade. Diferença é aquilo que o outro é. Ele é europeu. Ela é velha. Ela é heterosexual. Eles são ateu. Identidade e diferença, simplesmente existem e se auto referenciam. São conceitos - ou entidades - que possuem relação de dependência.

Desta forma, ao nos posicionarmos de forma positiva sobre aquilo que somos, automaticamente escondemos aquilo que não somos. Por essa perspectiva é simples admitir que nos referirmos àquilo que não somos levaria a uma cadeia interminável de negações. Identificar aquilo que somos é um recurso linguístico que torna mais simples declararmos nossas identidades.

[...] Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, [...] identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. Para isso seria preciso considerar a diferença não simplesmente como resultado de um processo, mas como o processo mesmo pelo qual tanto a identidade quanto a diferença (compreendida, aqui, como resultado) são produzidas. Na origem estaria a diferença - compreendida, agora, como ato ou processo de diferenciação. (SILVA, 2009, p.75-76).

As definições de identidade e diferença carregam relações de poder, com gradientes de força. São conceitos não simplesmente definidos, mas sim impostos. Duas faces de uma mesma moeda que não convivem harmoniosamente. São conceitos hierarquizados, que convivem em disputa assimétrica. O que afirma a identidade e marca a diferença, são amplas relações de poder, inclusivas e excludentes, carregadas de declarações de pertencimento e não pertencimento.

[...] Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. "Nós" e "eles" não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2009, p.82).

"Nós" e "eles", é um exemplo de oposição binária, assim como masculino e feminino, branco e negro, heterosexual e homosexual, cristão e ateu.

Assim, vivemos em uma sociedade que entende a diferença como algo colocado do lado oposto daquilo que elegeu para ser dominante. Contudo, a nossa intenção é mostrar que é importante saber lidar com as diferenças, que são fruto de oposições às quais estamos sujeitos nas diferenças relações sociais (CAMARGO, 2017). Desta forma, queremos salientar que essa dualidade, própria da nossa sociedade, não foi aqui posta com a intenção de problematizar quais grupos são (ou não)



identificados como positivos ou negativos. Apenas buscamos mostrar que a polarização existe na construção dos conceitos de identidade e diferença.

E assim, trazemos o embasamento teórico deste produto, mas também conscientes de que a atual forma de organização das relações de poder, precisa ser revista, buscando justiça e equidade social.

Multissensorialidade

Não negamos as especificidades dos estudantes com DV e sabemos que existem materiais, procedimentos e equipamentos utilizados exclusivamente por esses alunos. Como exemplo, citamos o sistema Braille e o uso do computador com leitores de tela.

Por outro lado, o entendimento da questão proposta passa pela compreensão da controvérsia entre a promoção de discriminação pela igualdade e pela diferença. Por isso, podemos já apontar para a necessidade de encontrar metodologias que atendam às diferentes necessidades dos alunos, de acordo com os princípios da inclusão, trazendo o referencial da multissensorialidade.

Neste sentido, Soler (1999) questiona o fato do ensino muitas vezes possuir enfoque em elementos puramente visuais. Como consequência desse fato, ocorre a perda de muitas informações não visuais, o que gera falta de motivação nessas disciplinas para alunos cegos e com baixa visão. Além de produzir interpretação tendenciosa do meio ambiente que nos rodeia e um entendimento reduzido da observação científica, visto que essa ação se reduz ao ato de olhar.

Para Soler (1999), é fundamental colocar em prática uma percepção mais ampla da informação veiculada na escola, desde a educação infantil, vivenciando multissensorialidade no ambiente escolar.

Segundo essa perspectiva, o tato, a audição, a visão, o paladar e o olfato podem atuar como canais de entrada de informações importantes. Nessa perspectiva, a observação deixa de ser um elemento estritamente visual. Observar requer a captação do maior número de informações por meio de todos os sentidos que um indivíduo possa ter em funcionamento. Por exemplo, na observação de um ambiente em uma aula de campo, é muito mais significativo se o aluno, além de observar visualmente o ambiente, descrever seu cheiro, sua sensação térmica, texturas de seus componentes, entre outras características. [...] Como resultado de observação multissensorial, a pessoa capta do ambiente o maior número de informações por meio de todos os sentidos que possa utilizar (CAMARGO, 2016, p. 31-32).

Por isso, é preciso atentar que o ensino (principalmente de ciências), dependerá da relação características semântico-sensoriais dos significados conceituais versus especificidades de sua deficiência visual. Assim, é importante que o professor saiba se o aluno é totalmente cego de nascimento, se perdeu a visão ao longo da vida, por quanto tempo enxergou, se possui resíduo visual, se esse resíduo pode ser utilizado em sala de aula e em que medida pode ser utilizado. Vamos ver alguns exemplos propostos por Camargo (2016).



Se o aluno não nasceu cego ou possui baixa visão, os significados indissociáveis de representações visuais lhes são potencialmente comunicáveis; Dependendo do resíduo visual do aluno, registros visuais ampliados podem ser utilizados nos processos de comunicação; Dependendo do resíduo visual, ele pode observar visualmente alguns fenômenos físicos [...] ou registros visuais provenientes de simulações computacionais, vídeos, esquemas projetados ou desenhados. (CAMARGO, 2016, p. 38).

Sendo assim, é fundamental que professor saiba se seu aluno é totalmente cego desde o nascimento. Isso poderá ser útil, por exemplo, para entender que um significado indissociável de representação visual, como o de cor, não lhe pode ser comunicado. Nesse sentido, como nos explica Vigotiski, o tato e a audição nunca farão um cego ver (VIGOTSKI, 1997). Esse tipo de significado é o único que não pode ser comunicado aos alunos cegos totais de nascimento. Neste sentido, é fundamental adaptar métodos didáticos utilizados, com a finalidade de que a entrada de informação procedente do meio se produza em igualdade de condições para o aprendizado (BALLESTERO-ALVAREZ, 2003).

Diante da didática multissensorial, a pessoa que observa deve captar do ambiente o maior número de informações por meio de todos os sentidos que possa utilizar. Dessa maneira, não existe um método individualizado de observação para invidentes e outro para videntes, mas sim um método universal de observar, utilizando a maior quantidade de sentidos que lhe são disponíveis para observação e apreensão (BALLESTERO-ALVAREZ, 2003, p. 18).

Para finalizar o tópico, é importante sinalizar que o produto aqui desenvolvido não utiliza todos os sentidos. Mas foi pensando em uma perspectiva multissensorial, buscando ampliar possibilidades para o acesso ao conhecimento científico para além da sensibilidade visual.

Acessibilidade comunicacional

Considerando os pontos destacados acima, ainda é fundamental acrescentar que, mesmo considerando restrições referentes às particularidades, existem muitas situações e conteúdos que podem ser ensinados para o aluno com DV.

Além disso, também considerando que o ambiente escolar pode ser caracterizado como um ambiente no qual seus participantes buscam, por meio da linguagem, comunicar-se. Assim, partimos do pressuposto que a sala de aula é um espaço social e a comunicação pode versar sobre os mais diversos assuntos.

Nesse sentido, a comunicação pode ser entendida como um processo social básico de produção e compartilhamento de informações através da materialização de formas simbólicas.

Em um processo de comunicação interpessoal, ocorre uma relação entre emissor e receptor, no qual, o primeiro, de forma intencional, veicula ao segundo uma mensagem, ideia ou informação. Portanto, é possível dizer que a finalidade desse processo é o compartilhamento de significados sobre um determinado objeto, mensagem, informação ou ideia.



Por outro lado, linguagem se refere ao sistema de códigos utilizados na comunicação, que é mais bem desenvolvida e elaborada nos humanos – utilizamos a linguagem em cálculos (que é um sistema artificial), por exemplo. A linguagem pode ser verbal (pela palavra – escrita, falada, gesticulada) ou não verbal (por símbolos, música, cores etc.) (QUADROS; KARNOOPP, 2007). Segundo Viveiros (2013), a palavra linguagem engloba a complexidade destes elementos: linguagem não verbal (gestos motores, expressões faciais, emoções etc.), representações gráficas, pictóricas etc. Segundo Quadros e Karnopp (2003), o termo língua refere-se a um produto social, com convenções necessárias criadas pelos grupos que a utilizam (CAMARGO, 2016, p. 39-40).

Deste modo, podemos considerar que uma língua sempre está contida dentro de uma linguagem, enquanto a recíproca não é verdadeira.

Com isso posto, voltamos à ideia inicial do tópico, ao afirmar que a sala de aula pode ser considerada como um lugar de comunicação pretendida, onde a veiculação de significados se dá ao longo do processo comunicativo pela utilização da linguagem (elemento mais amplo que a língua).

A partir de então, considerando alunos DV (em aulas de ciências ou outra qualquer), cabe reprimir os questionamentos de Camargo (2016, p. 42):

Quais são as características de acessibilidade às informações veiculadas durante a condução de atividades? Em outras palavras, qual é a estrutura empírica das linguagens utilizadas pelo emissor (docente ou colega vidente) durante o processo de veiculação de informações? Esta estrutura é acessível ao receptor (aluno com deficiência visual)?

Uma condição fundamental para a participação de alunos com DV no espaço da sala de aula, diz respeito à desconstrução da estrutura de linguagem que fazem com que o auditivo e o visual sejam sentidos interdependente. Por exemplo, precisamos evitar falas como: *Olhem as características deste gráfico...* (*professor apontando com as mãos características do gráfico escrito ou projetado enquanto explica*); *De acordo com o que nos informa esta figura...* (*aponta características descritas na figura, enquanto lê um texto*), e tantos outras exemplificações que se multiplicam no cotidiano escolar.

Assim, desconstruir estruturas de linguagem parecidas com os exemplos acima é fundamental para criar canais de comunicação com alunos com DV.

Linguagens com tal estrutura não proporcionam a alunos cegos ou com baixa visão as mínimas condições de acessibilidade às informações veiculadas. Esses alunos, quando participantes de uma aula em que o considerado perfil comunicacional é aplicado, encontram-se em uma condição de estrangeiro, pois recebem códigos auditivos que, por estarem associados a códigos visuais, são desprovidos de significado. É bom lembrar que linguagens com a mencionada estrutura são demasiadamente empregadas nos processos de veiculação de informações em sala de aula (CAMARGO, 2016, p. 42).

A destituição da estrutura empírica mencionada se dá através da exploração de linguagens de estruturas empíricas visualmente independentes. Na sequência, transcrevemos o potencial comunicativo dessas estruturas:



Tátil-auditiva interdependente e tátil e auditiva independentes: possuem grande potencial comunicativo, na medida em que são capazes de veicular significados vinculados às representações não visuais. Em outras palavras, utilizando-se de maquetes e de outros materiais possíveis de serem tocados ou observados auditivamente, vinculam-se os significados às representações tátil ou auditiva, e, por meio da estrutura mencionada, esses significados tornam-se acessíveis aos alunos cegos ou com baixa visão;

Fundamental auditiva e auditiva e visual independentes: essas estruturas possuem um potencial comunicacional atrelado ao detalhamento das informações veiculadas. Isso implica dizer que a acessibilidade do aluno cego ou com baixa visão dependerá da qualidade descritiva oral dos significados que se pretendem comunicar. Descrição oral detalhada de gráficos, de tabelas, de comportamento geométrico de raios e de fenômenos luminosos, de passagens matemáticas são exemplos do potencial comunicacional dessas estruturas empíricas. Nesse contexto, a utilização de recursos instrucionais visuais como lousa, data-show, retroprojetor, não são necessariamente inconvenientes. Tais recursos podem ser utilizados em salas de aulas que contenham alunos com deficiência visual, desde que o elemento descrição oral detalhada ou audiodescrição (MOTTA, ROMEU FILHO, 2010) seja explorado ao máximo. É importante ressaltar que, na hipótese de a descrição oral tornar-se insuficiente ou limitada, a introdução de registros e esquemas táteis será sempre adequada e necessária para a veiculação de informações. Abordamos, nesse capítulo, a inclusão e sua relação com as múltiplas diferenças e com a diversidade que caracterizam o ser humano. Enfocamos os temas da multissensorialidade, da diversidade sensorial e da linguagem, pois, eles são centrais aos processos de ensino e aprendizagem de Física de estudantes com e sem deficiência visual (CAMARGO, 2016c, p. 43-44).

Tomando em conta esse alicerce teórico e tendo a DV como uma necessidade especial educacional que balizou a elaboração desse produto novamente enfocamos a importância da multissensorialidade e da linguagem como formas de promover uma educação inclusiva.

A escolha dessas temáticas como norte teórico deste material se deu porque são centrais aos processos de ensino e aprendizagem de estudantes com e sem DV.

Assim, buscamos trazer para esta breve fundamentação elementos capazes de dar suporte para reflexões sobre a temática, buscando fundamentar ações pautadas nos mesmos, desconstruindo a ideia do ensino pautado em recursos visuais e buscando opções coerentes com as condições de alunos com DV em um ambiente inclusivo.

Detalhamento da construção

Para a formatação e o *layout* do livro, buscou-se amparo em dois vídeos de deficientes visuais que compartilharam seus conhecimentos e opiniões acerca de como elaborar um documento digital acessível aos leitores de tela. Segundo o vídeo “Como descrever uma imagem para uma pessoa cega”, do canal Vendo No Escuro com Geilson Sousa (2020), é importante descrever todos os detalhes da imagem e o posicionamento de tudo que consta nela para que seja possível que um indivíduo cego compreenda o que ela contém. Outro tópico que guiou o formato do livro está no vídeo “Desafios da educação a distância para pessoas com deficiência visual”, do canal CEaD



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>.

Trabalho financiado pela FAPESP



Apoio CAPES



(Coordenação de Educação a Distância) do Instituto Benjamin Constant (2020), no qual foi dito pela professora Margareth de Oliveira Olegário Teixeira que a disposição do texto em um documento a ser lido por um leitor de tela deve ser feito preferencialmente em uma única coluna, para assim facilitar seu entendimento.

Referências

- BALLESTERO-ALVAREZ, J.A. **Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos**. 2003. 121p. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes. Universidade Estadual de São Paulo.
- CAMARGO, E.P. Inclusão, multissensorialidade, percepção e linguagem. In: CAMARGO, E.P. **Inclusão e necessidade especial: compreendendo identidade e diferença por meio do ensino de física e da deficiência visual**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. p.23-50.
- CAMARGO, Eder Pires de. **Estrangeiro**. São Paulo: Plêiade, 2017.
- MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MASINI, E.A.F.S. **Uma experiência de inclusão – providências, viabilização e resultados**. Educar, Curitiba, n.23, p.29-43, 2004. Editora UFPR.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOLER, M. A. **Didactica multisensorial de las ciencias**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1999.
- SOUSA, Geilson. **Como descrever uma imagem para uma pessoa cega**. Youtube, 21 abr. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Y2_0J772lnQ>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- TEIXEIRA, Margareth de Oliveira Olegário. **Desafios da educação a distância para pessoas com deficiência visual**. Youtube, 1 jul. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lH1wpUG7_mo&t=158s>. Acesso em: 3 jul. 2020.
- VIGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas: V Fundamentos de Defectología**. Editora Aprendizaje Visor. 2^a ed. Madrid, 1997, p.391.



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>.

Trabalho financiado pela FAPESP



Apoio CAPES



A BONECA DE CAROLINA

Júlia Stradioto Pacolla

Descrição da capa #ParaTodosVerem: A cor de fundo desta capa é um tom de rosa claro e nela há alguns desenhos de estrelas, losangos e molas. Dentro de um retângulo amarelo ao centro está escrito o título do livro "A Boneca de Carolina" e, abaixo dele, há um outro retângulo amarelo menor com o nome da autora "Júlia Stradioto Pacolla". Fim da descrição.

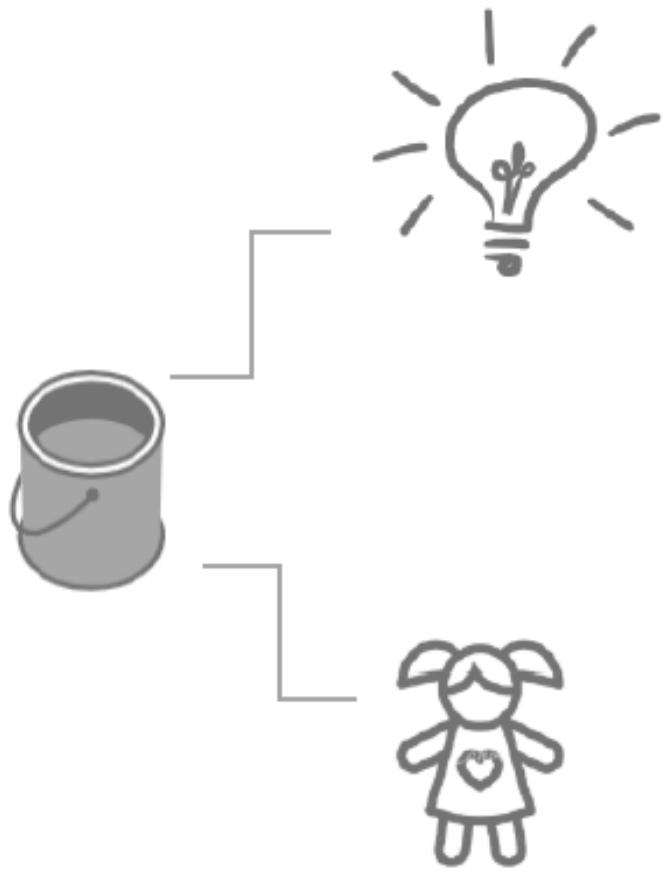
Carolina era uma menina que todas as tardes parava na praçinha da cidade e enquanto sua mãe trocava as latinhas recolhidas naquele dia por algum dinheiro, ela ficava olhando algumas meninas brincarem com bonecas que as deixava encantada. Todos os dias que as via sonhava em ter um daqueles brinquedos.



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: Dentro de um círculo, há um banco de praça de madeira e duas árvores, todos coloridos em tons de cinza. O banco está à frente da imagem, uma das árvores está ao lado do banco e uma atrás dele. Fim da descrição.

Certo dia, quando estava a andar pelas ruas com a mãe em busca de latinhas, Carolina teve uma ideia; decidiu criar sua própria boneca com aquilo que podia: uma latinha.

Ela juntou tudo aquilo que poderia compor seu brinquedo e então, quando terminou, estava tão alegre e não podia esperar para chegar à praça e se juntar com as outras meninas para poder brincar, pois agora ela tinha uma boneca.

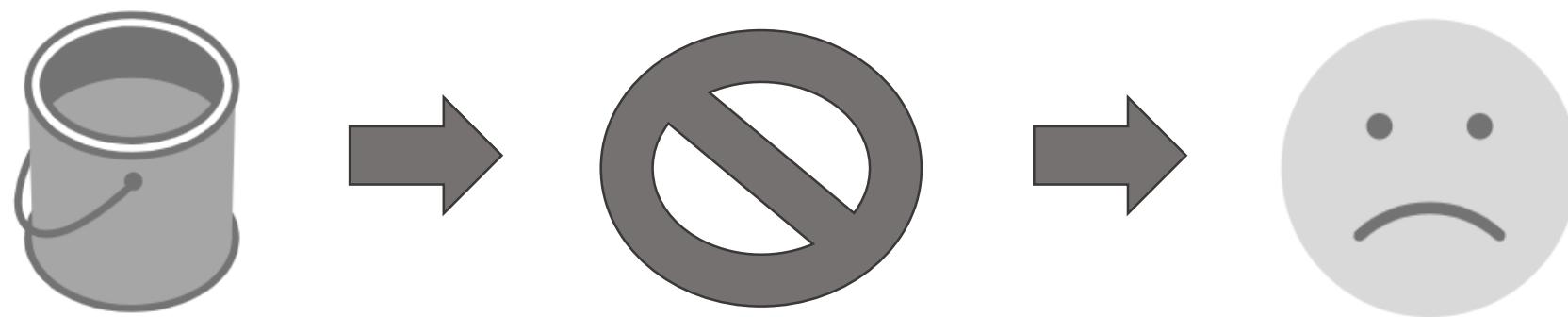


Descrição da imagem #ParaTodosVerem: No canto superior direito há uma lâmpada. Partindo dela tem uma seta que conduz até o desenho de uma lata e , partindo da lata, tem uma outra seta que conduz para um desenho de boneca. Só está desenhado o contorno de uma boneca de pano. Ela está usando um vestido com um coração no meio e também usa os cabelos presos com dois rabos de cavalo. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição.

Ao chegar na praça ela logo se aproximou das meninas e toda feliz disse que agora tinha uma boneca e gostaria muito de brincar com elas. Porém, as meninas riram e uma delas, olhando para o rosto agora não tão alegre de Carolina, disse:

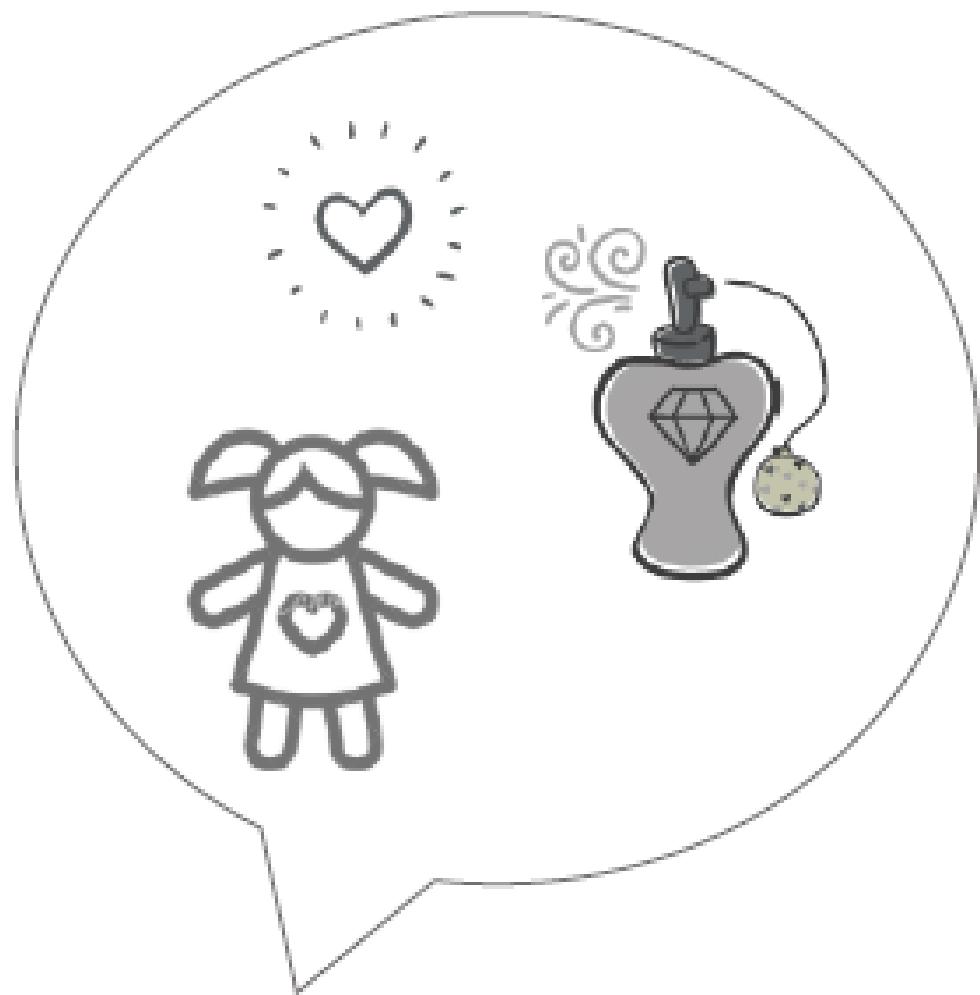
-Isso não é uma boneca, é só uma lata enfeitada, uma boneca é totalmente diferente disso aí. Para poder brincar conosco terá que ter uma boneca normal.

Feito isso, ela e suas amigas saíram rindo e deixaram para trás Carolina com sua boneca e um olhar angustiante.



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: Na parte superior há uma lata e partindo dela há uma seta que conduz até o símbolo de proibido, que é um círculo com uma faixa na diagonal. Partindo desse símbolo, uma outra seta conduz para o desenho de um rosto com uma expressão triste. Esse rosto está no formato emoji; o contorno do rosto é um círculo e nele estão desenhados os olhos e a boca. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição.

Quando estava indo embora da praça ela perguntou para sua mãe “Mãe, como é que é uma boneca normal?” e a mãe em grande nostalgia respondeu “Uma boneca deve ser de pano, costurada com os panos mais lindos e também ter um perfume...Ah, eu adorava minha boneca quando era pequena”.



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: Dentro de um balão, que representa a fala da mãe de Carolina, tem o desenho de uma boneca de pano. Só está desenhado o contorno dela. Ela está usando um vestido com um coração no meio e usa os cabelos presos com dois rabos de cavalo. Tem um frasco de perfume desenhado também e um coração. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição.

Carolina ficou intrigada. As meninas da praça disseram-lhe que ela precisava de uma boneca normal e a mãe lhe dissera que uma boneca deveria ser de pano, só que as bonecas das meninas não eram de pano. Em sua cabeça só havia uma pergunta “Como é então que uma boneca deve ser?”

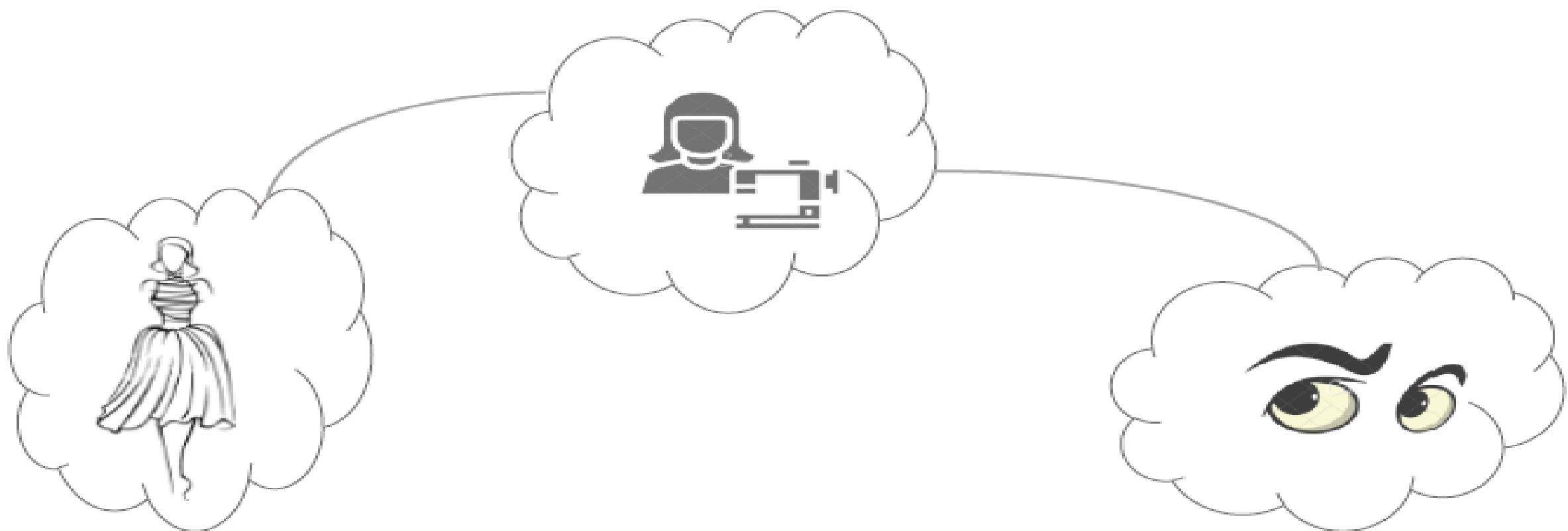
Durante todo o caminho para casa Carolina não conseguia parar de pensar nessa pergunta, foi então que decidiu começar a perguntar para as pessoas que encontrava na rua como é que é uma boneca.



Descrição da imagem #ParaTodosVerem No canto superior esquerdo há um círculo e dentro dele tem três pontos de interrogação. Partindo desse círculo uma seta conduz até o desenho de duas pessoas conversando. Elas estão sentadas em uma mesa e acima de suas cabeças há balões que representam elas conversando. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição.

O primeiro pedestre que Carolina parou para perguntar foi uma senhora, de roupas muito nobres, cabelo escovado e uma bolsa enorme que prontamente a respondeu:

-Uma boneca deve ser de porcelana, com olhos brilhantes e usar vestidos de festa feitos por costureiras de altíssima qualidade...São magníficas!



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: A imagem é composta por desenhos ilustrativos da fala da pedestre, sendo que eles estão dentro de nuvens. Na nuvem do canto esquerdo tem um manequim usando um vestido volumoso. Na nuvem do meio tem o desenho de uma moça sem rosto, representando uma costureira e na sua frente há uma máquina de costura, ambas pintadas de cinza escuro. Na nuvem da direita tem o desenho de dois olhos e sobrancelhas em cima com uma expressão de atenção. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição.

Carolina gravou bem a informação e continuou sua busca por respostas.

Com o passar do tempo, a menina ficava cada vez mais confusa, pois cada pessoa que ela parava e questionava lhe dava uma resposta diferente.

O padeiro disse que bonecas verdadeiras são só aquelas vendidas na loja da rua de trás de sua casa, sendo que elas devem ter um laço vermelho no cabelo.



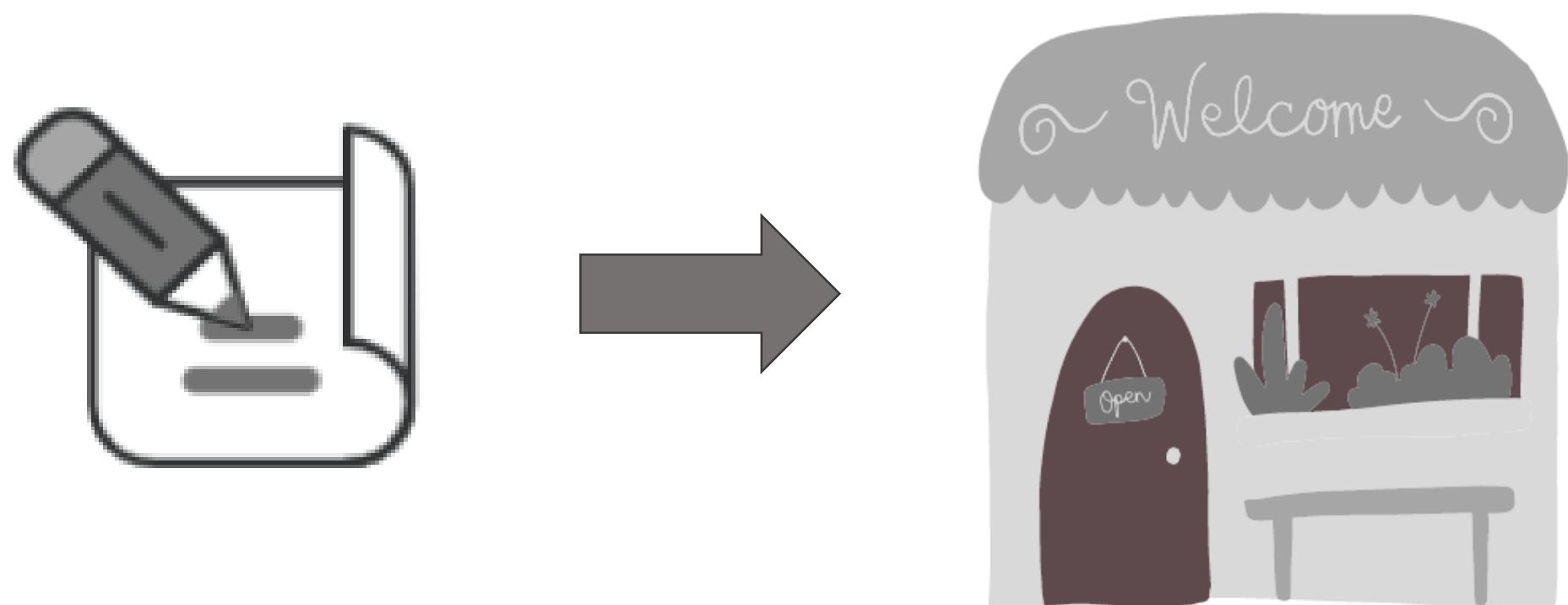
Descrição da imagem #ParaTodosVerem: Dentro de um círculo tem desenhos que ilustram a fala do padeiro. O padeiro está representado tirando pães do forno . Tem um laço desenhado e também o desenho de uma rua. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição.

A moça apressada para chegar ao trabalho respondeu rispidamente que uma boneca deve ter cabelos sedosos. Já a mocinha da loja de roupas respondeu que só eram bonecas aquelas que usavam a roupa azul com o sapatinho branco.



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: À esquerda, dentro de um círculo tem desenhos que ilustram a fala da moça apressada. Tem o desenho de uma moça em posição de corrida demonstrando que está com pressa. Ela usa uma calça e uma blusa de manga curta. Acima dela tem o desenho de um manequim com cabelos em movimento . À direita, dentro de outro círculo tem desenhos que ilustram a fala da mocinha da loja. No canto inferior esquerdo tem um par de sapatos brancos e no canto superior direto há um vestido de alcinha com algumas pregas e que tem também um cinto. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição.

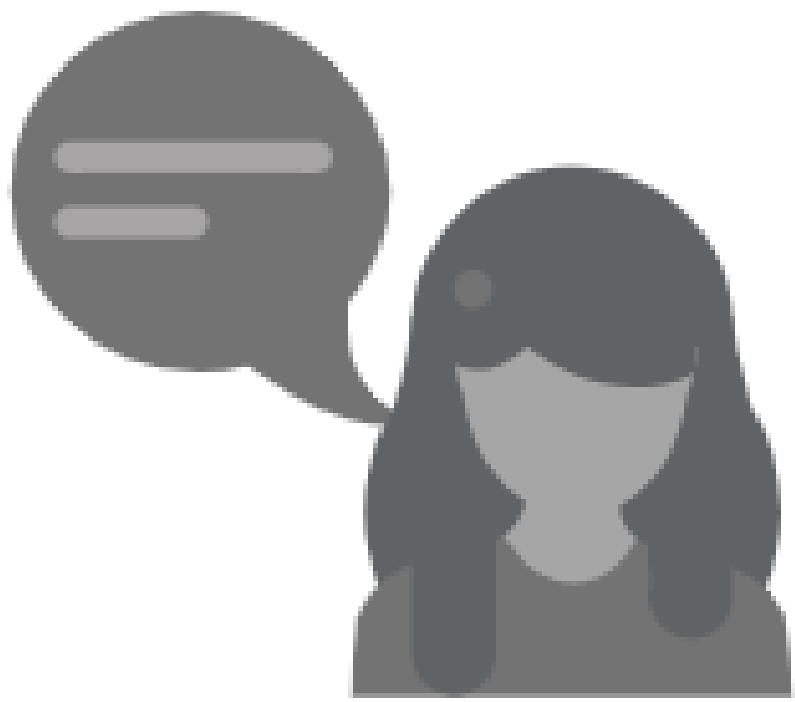
Cansada de tanto andar e conversar com as pessoas, Carolina parou em um banco e começou a escrever todas as informações que havia coletado das respostas das pessoas e agora, com um novo sorriso no rosto, dirigiu-se para uma loja de brinquedos da cidade e um simpático senhor veio lhe atender.



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: No canto superior esquerdo tem um papel e um lápis desenhados e no papel há duas linhas que representam as ideias de Carolina escritas. Partindo desse desenho, tem uma seta que conduz até o desenho de uma loja. A loja tem um letreiro escrito “Welcome”, que em português significa “bem vindo”. Tem também uma janela à direita com algumas flores na frente e à esquerda uma porta com uma placa pendura para dizer que a loja está aberta. Na frente da loja tem um banco para sentar. Todos os desenhos estão em tons de cinza. Fim da descrição de imagem.

-O que deseja, menina?

E Carolina tirou seu papel do bolso e começou a ler:



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: Há o desenho do busto de uma menina de cabelos escuros, lisos e compridos, com uma presilha do lado esquerdo. Ela está usando uma blusa lisa. Um balão de conversa está ao seu lado representando que ela está falando. O desenho está em tons de cinza. Fim da descrição de imagem.

“ Eu gostaria de saber quanto custa uma boneca que é de pano, mas também de porcelana, que tem vestidos feitos de panos lindos, mas tem que ser azul, usar um sapatinho branco, ter um lacinho vermelho no cabelo e esses devem ser sedosos e... Ah, precisa ser da loja que fica na rua de trás da casa do padeiro. E aí, quanto custa?”

O senhor, com um expressão intrigada quis saber o porquê de Carolina querer uma boneca com todas essas características e quando a perguntou, ela respondeu :

"Eu quero muito uma boneca para poder brincar com as meninas do parque, mas elas me disseram que a boneca de lata que eu fiz não serve e que eu precisaria de uma boneca normal, então eu comecei a perguntar para as pessoas o que é uma boneca normal e juntei todas as respostas para vir aqui na loja e ver quanto custa uma. Acho que agora eu sei o que é uma boneca e que ela deve ter tudo isso que eu te pedi. E então, entendeu?"

O senhor da loja com uma expressão muito amigável chamou Carolina para conversar e disse:

-Acho que você se esqueceu de fazer essa pergunta para uma pessoa muito importante, pois sem a resposta dela você não saberá o que é uma boneca.

-Sério? O senhor conhece? Quem é? - indagou Carolina

-É você! – Respondeu o senhor e continuou – As bonecas imitam pessoas, não é? Pois bem, como você mesma pôde perceber, para cada pessoa que perguntou o que seria uma “boneca normal” o resultado foi uma resposta diferente e isso porque o que define uma boneca depende dos olhos de quem a vê, de suas experiências e do contexto que ela vive ou já viveu. Cada boneca, assim como as pessoas, são únicas e têm suas características próprias para que agradem diferentes pessoas. Já parou para pensar se eu vendesse só um tipo de boneca aqui?

Algumas seriam vendidas, mas outras não, pois não são todas as pessoas que gostam das mesmas bonecas, algumas preferem com uma cor de vestido diferente, de pano ou de porcelana. Ah, e essa boneca de lata que está com você, foi a que criou?

-Sim, sim-respondeu Carolina com um olhar muito atento ao senhor da loja.



Descrição da imagem #ParaTodosVerem: Há dois balões que representam falas para ilustrar a conversa entre Carolina e o senhor. Os dois estão pintados de cinza escuro. Fim da descrição.

-E você gostou dela? - perguntou o senhor.

-Eu gostei, mas as meninas da praça disseram que ela não serve para poder brincar com elas.

-Carolina, sua resposta já é o suficiente. Infelizmente, assim como essas meninas, existem muitas outras pessoas espalhadas pelo mundo que não entendem ou aceitam muito bem aquilo que é diferente do que estão acostumadas a ver, mas saiba que sua boneca é única e o que ela tem de mais precioso é seu afeto. Como eu te disse, as bonecas são como pessoas, cada uma é uma, cada uma agrada alguém diferente, não existe um modelo padrão, ou como uma das meninas te disse, uma boneca “normal”. Sua boneca é linda da forma que é e acho que ela é o melhor que posso te oferecer no momento.

Carolina, com um enorme sorriso no rosto agradeceu ao senhor e antes de sair da loja lhe disse:

-Eu não preciso comprar uma boneca, eu já tenho uma.